



Data: 07.10.2020

Título: Byung-Chul Han, B-H Lévy, Papa Francisco

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal



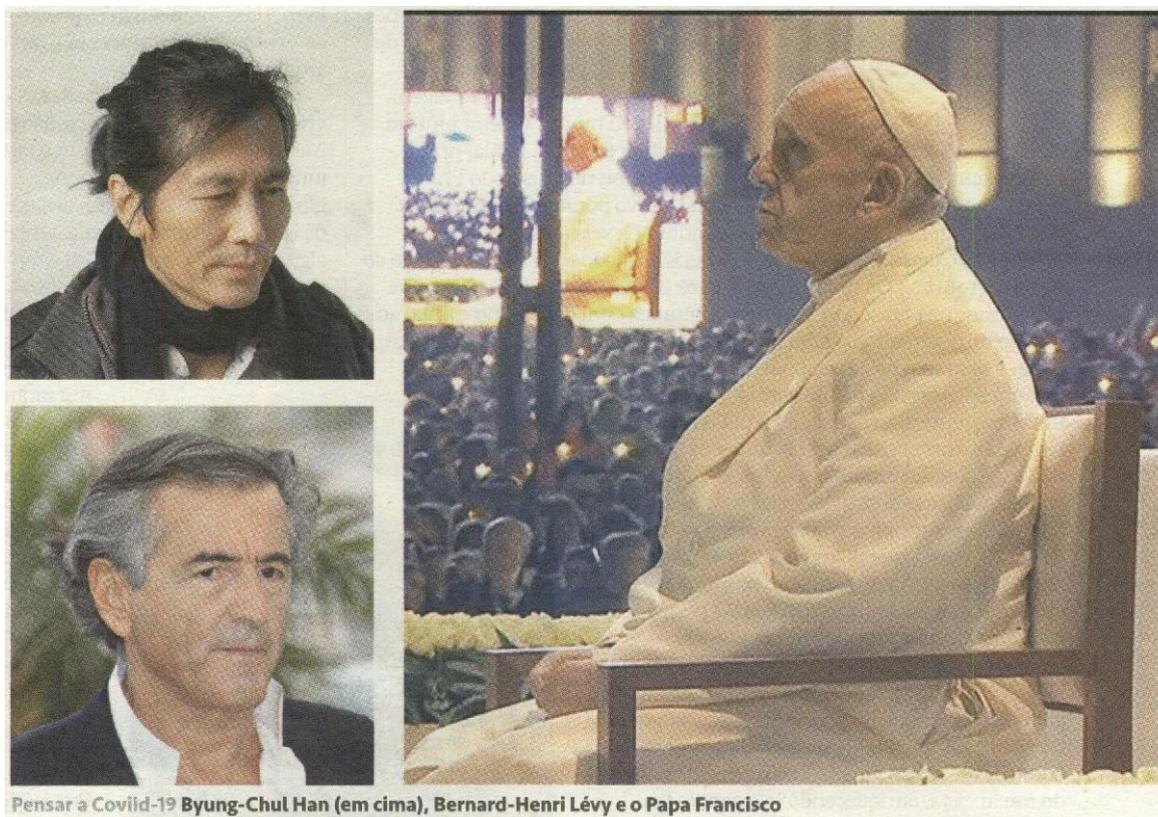
Secção: Nacional

Pág: 25;26

Byung-Chul Han, B-H Lévy, Papa Francisco Três olhares sobre a pandemia

As opiniões e perspetivas dos dois conhecidos filósofos sobre a Covid-19, sua contextualização, o modo como é encarada e combatida, assim como a posição do bispo de Roma a seu propósito, neste texto da autora de *Razão e Paixão*, entre outras obras, prof^a catedrática de Filosofia da Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa. E sobre a mensagem do Papa sublinha “que nos interpela e que a deveríamos concretizar no nosso quotidiano”

MARIA LUÍSA RIBEIRO FERREIRA



Pensar a Covid-19 Byung-Chul Han (em cima), Bernard-Henri Lévy e o Papa Francisco



Uma crítica que habitualmente se di

rige aos filósofos é a de se afastarem do quotidiano, refugiando-se num mundo próprio e ignorando as preocupações das pessoas comuns. Tal não acontece com os dois pensadores que elegemos como parceiros para nos ajudarem a refletir sobre a presente pandemia: o germano-coreano Byung-Chul Han e o francês Bernard-Henri Lévy.

Byung-Chul Han tem-nos habituado a curtas mas densas reflexões nas quais se evidencia o olhar crítico de um estrangeiro, ou seja, de alguém que reflete sobre a sociedade ocidental,

onde escolheu estudar e viver. Na sua obra *A Sociedade do Cansaço*, Han sustentara que devido ao desenvolvimento da medicina tínhamos ultrapassado as pandemias. Seis anos mais tarde escreve outro livro onde corrige esta tese ao analisar minuciosamente a sociedade contemporânea a braços com a Covid-19.² E descreve-a como estando dominada pela algofobia, ou seja, pelo horror à dor, uma dor que classifica como “negatividade por excelência” (ob. cit. p.12).

À semelhança de Nietzsche, Han

Área: 804cm² / 47%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6959573



interpreta a dor como um percurso que nos transforma e liberta, imprescindível e inevitável para a formação de um ser vivo e inteligente. A presente pandemia tornou por demais evidente um mundo anestesiado onde a dor é sinal de fraqueza e o bem estar e a felicidade se impõem como valores máximos. O desejo de sobrevivência tornou-se obsessivo e em seu nome inverteram-se valores até então aceites, baniram-se práticas e rituais coletivos, fecharam-se fronteiras, isolaram-se pessoas e espaços.

A inteligência artificial que paulatinamente foi conquistando terreno, consolidou o domínio humano sobre a natureza e permitiu-nos atingir metas que anos atrás considerávamos inalcançáveis. Mas tais conquistas não entusiasma este filósofo que é sobretudo sensível aos efeitos perversos das mesmas. Por isso nos alerta quanto à desumanização progressiva que decorre do nosso desejo crescente de felicidade. Han tem como objetivo primeiro mostrar-nos o preço que pagamos por esse bem estar aparente. Consequentemente, denuncia as carências, falhas e contradições de um mundo que pretendeu suprimir a dor, essa companheira inevitável dos humanos.

Colocar a anulação da dor como objetivo primordial acarreta efeitos perversos. Um deles é a obsessão sanitária que nos leva a encarar o outro como potencial inimigo. O combate ao sofrimento mediante o uso de analgésicos tornou-se uma obsessão dos tempos que vivemos. E não é isento de consequências nocivas pois a anulação total da dor só é possível "numa vida nua, esvaziada de sentido" (p.33). A dor é um fator humanizante, é a consequência inevitável da nossa ligação com os outros e da realidade do mundo. O mundo digital anestesia-nos, oferece-nos uma atmosfera fictícia na qual a verdade é substituída pelo desejo de felicidade e de bem estar. Os permanentes likes que atribuímos no facebook, são a prova máxima da falsa construção de um mundo que pretendemos habitar mas que na realidade não existe. O outro perde as suas características pessoais, deixa de ser um sujeito que pensa e que sofre e transforma-se num número, um caso a mais que se soma a outros.

De facto, as notícias diárias que recebemos sobre a evolução da Covid-19 descorporizam as pessoas, esquecem o modo como são tratadas, silenciam o

A crítica que se dirige aos filósofos de se afastarem do quotidiano, refugiando-se num mundo próprio e ignorando as preocupações das pessoas comuns [não se aplica] a estes dois pensadores - Han e Lévy

sofrimento das suas famílias e dos seus amigos. A sociedade paliativa banuiu a dor, tornou-a quase imoral e como tal, esqueceu-a. O trans-humanismo anuncia um futuro sem dor onde a alegria é um estado permanente. E Byong-Chul Han vaticina que tal estado será a morte da humanidade tal como até agora a conhecemos.

A PANDEMIA TAMBÉM É OBJETO DE REFLEXÃO para o filósofo francês Bernard Henry Lévy que sobre ela tem escrito inúmeros textos. De entre eles escolhemos o livro *Este vírus que nos enlouquece* recentemente publicado em português. Tomando como lema a tese de que a vida não é vida se for apenas vivida, o filósofo mostra-se especialmente sensível ao alheamento do mundo que esta pandemia provocou, uma atitude que não aceita e que compara ao que José Saramago descreve no seu *Ensaio sobre a Cegueira*. Ao filósofo são particularmente irritantes e dolorosas certas posturas e opções que considera regressivas relativamente às conquistas realizadas num passado recente. Uma delas é a ascensão mediática dos médicos que se tornaram os interlocutores prioritários dos nossos telejornais. Revisitando filósofos (Platão, Marco Aurélio, Descartes, Pascal, Locke, Kant, e inevitavelmente Foucault, Sartre, Camus e Lacan) Lévy analisa criticamente a aliança dos poderes político e médico e rejeita o "catecismo virológico" a que os cientistas hoje recorrem para explicar a epidemia.

A transformação do planeta num "laboratório de experiência política radical" (p.46) é algo que recusa. E ao inventariar as proibições a que temos sido sujeitos neste confinamento, o filósofo conclui que tal facto vem contrariar o animal político que todos

somos e que os gregos tão bem conheciam. Para ele a clausura só é admissível se for provisória e se levar ao encontro dos outros. Como tomar a sério a ordem de ficar em casa quando grande parte das populações não tem casa ou quando esta se reduz a uma divisão onde todos se amontoam?

As apreciações negativas do filósofo francês relativamente à pandemia também incidem sobre as exéquias descuidadas, os corpos embalados em sacos de plástico, a suspensão de atividades culturais e religiosas, numa palavra, a supressão de muito daquilo que nos mantém humanos. Chega mesmo a criticar (quanto a nós injustamente) o Papa Francisco, pelo modo como se distanciou fisicamente do povo cristão. Por isso a sua análise das passadas celebrações pascais presididas pelo chefe da Igreja Católica numa Praça de S. Pedro deserta, não o tocaram, interpretando-as como uma cedência aos poderes constituídos, ou seja, como mais um contributo a corroborar o poder absoluto do Estado. E para Lévy, a passagem de um Estado-providência para um Estado-vigilância é uma mutação perigosa contra a qual nos devemos insurgir.

Aproveitando a tese de Lévy sobre o vento de loucura que a pandemia soprou no nosso mundo, verificamos que ela não se circunscreve a um plano médico e higiénico, penetrando noutros contextos onde não esperaríamos encontrá-la. Constatámo-lo nas muitas vezes que este verão percorremos a IC19. De facto, nesta estrada fomos constantemente confrontados com avisos luminosos e com *outdoors* cujo conteúdo insólito nos surpreendeu. Depois de alguma reflexão percebemos que alguns deles se relacionavam diretamente com a Covid-19, como é o caso de: "Não facilites. Protege-te" ou "Mantenha distância social".

Note-se que o facto de lermos estes avisos numa via que todos percorrem como se fossem apagar incêndios, descontextualiza totalmente o teor de mensagens deste tipo. Alertar um condutor para que não facilite pode ser entendido como um aviso impeditivo de qualquer ultrapassagem. Recomendar na estrada que mantenhamos a distância social é propor ao jipe ou à moto que se distanciem respeitosamente de um Ferrari ou de um Mercedes. Outros avisos nada têm a ver com a epidemia mas são igualmente de difícil decisão, como por exemplo "Portugal



Data: 07.10.2020

Titulo: Byung-Chul Han, B-H Lévy, Papa Francisco

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 25;26



chama. Com chuva ou vento. Não opere máquinas" ou "Não deixes que façam de ti um saco." Presumimos que foram produzidos na mesma onda de loucura que a todos varre e que infelizmente não se circunscreve à pandemia.

PARA ALÉM DESTES DOIS FILÓSOFOS, e antevendo já o fim da crise que vivemos, lembramos a posição do Papa Francisco na sua recente comunicação à Assembleia Geral das Nações Unidas.⁴ Nela não se limita a apontar os flagelos provocados pela pandemia, optando por soluções para o fim da mesma. E assim inventaria os pontos frágeis em que é preciso investir, preocupando-se não só com a crise ambiental mas também com as desigualdades sociais, o armamento, os refugiados, a violência contra as crianças, a discriminação das mulheres. Para Francisco a crise deixará marcas: dela sairemos melhores ou piores, mas nunca iguais ao que éramos. Dirigindo-se à ONU o Papa denuncia o modo como os direitos fundamentais continuam a ser violados com impunidade. Dos caminhos que identifica - o nacionalismo, o protecionismo e o isolamento, ou o multilateralismo, a solidariedade e a unidade, defende nitidamente o segundo. E apresenta a pobreza, as epidemias e o terrorismo como ameaças perigosas à paz e à segurança.

Francisco insurge-se com "uma humanidade violada, ferida, privada de dignidade, de liberdade e de possibilidade de desenvolvimento." Pedindo uma especial atenção para as mulheres, as crianças, os pobres e os refugiados, considerando-os como as principais vítimas desta crise, Francisco desafia a ONU para que atue de um modo decisivo na construção de um futuro em que todos alcancem a dignidade humana a que têm direito. É uma mensagem que nos interpela e que deveríamos concretizar no nosso quotidiano. **JL**

1 Byung-Chul Han, *A Sociedade do Cansaço*, Relógio D'Água, 2014; 2 Byung-Chul Han, *A Sociedade Paliativa*, Relógio D'Água, 2020; 3 Bernard-Henri Lévy, *Este vírus que nos enlouquece*, Guerra e Paz, 2020; 4 Papa Francisco, Comunicação à Assembleia Geral das Nações Unidas a 25 de Setembro de 2020

Área: 804cm² / 47%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6959573